

Arquitetura e urbanismo em Curitiba e a sensibilidade pós-moderna

Architecture and urbanism in Curitiba and the postmodern sensibility

Renan Augusto Avanci*, Renato Leão Rego**

*Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil, renanavanci@gmail.com

**Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil, rlrego@uem.br

usjt
arq.urb

número 40 | abr - dez de 2025

Recebido: 28/06/2023

Aceito: 21/11/2021

DOI: [10.37916/arq.urb.vi40.670](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi40.670)



Palavras-chave:

Circulação de ideias.
Metodologia de projeto.
Pós-modernismo.

Keywords:

Planning diffusion.
Design methodology.
Post-modernism.

Resumo

Este artigo trata de situar projetos urbanos implementados em Curitiba no começo dos anos 1970 no contexto amplo das ideias contemporâneas de arquitetura e urbanismo em circulação global. Mais precisamente, busca reconhecer a sensibilidade construída desde a revisão e a despedida de parte do ideário modernista e a prática projetual levada a cabo no âmbito do pós-modernismo, entendido em perspectiva histórica abrangente. Apoiado em uma abordagem histórico-interpretativa e explorando projetos arquitetônicos e urbanísticos paradigmáticos da capital paranaense, este artigo argumenta que a arquitetura e o urbanismo curitibanos estiveram mais precocemente próximos do pensamento pós-moderno que a historiografia brasileira admitiu.

Abstract

This paper aims to situate the urban projects implemented in early 1970s Curitiba within the broad context of contemporary architectural and planning ideas globally diffused. Precisely, it seeks to recognize the sensibility built upon the revision and farewell to part of the modernist ideal and the design practice carried out in the postmodernism domain, which is framed in a comprehensive historical perspective. Based upon a historical-interpretative approach and exploring paradigmatic architectural and urban designs in Curitiba, the paper claims that Curitiba architecture and urbanism were earlier and closer to the postmodern thinking than the Brazilian historiography has acknowledged.

Introdução

As transformações urbanas verificadas em Curitiba de modo mais sistemático a partir dos anos 1970 foram favorecidas pelo contexto econômico, político e sociocultural desde a metade do século passado. As comemorações do centenário da emancipação do estado do Paraná (1853-1953) – além das celebrações dos 250 anos de fundação da cidade em 1943 – e o impacto da riqueza do café nas finanças do estado neste período impulsionaram o afã local de tornar a provinciana Curitiba na moderna capital de um estado próspero. A criação do primeiro curso de arquitetura e urbanismo do estado, na Universidade Federal do Paraná em Curitiba, em 1962, o estabelecimento do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano da cidade (IPPUC), em 1965, e a preparação do Plano Preliminar de Urbanismo, no mesmo ano, contribuíram para a transformação física da cidade, que coincidiu com os resultados impressionante da economia nacional sob a política desenvolvimentista do governo da ditadura na segunda metade dos anos 1960 e início dos anos 1970. Some-se a isso a afinidade entre o poder público, a administração municipal e o corpo técnico do IPPUC. (De 1965 a 2020, onze dos catorze prefeitos da cidade estavam ligados ao IPPUC ou à atividade de planejamento). Além disso, há que se considerar a visão pragmática de muitos destes projetistas e planejadores vinculados concomitantemente ao Instituto, à Universidade e ao exercício profissional privado (REGO, JANUÁRIO e AVANCI, 2022, p. 225). Curitiba, portanto, contabiliza uma história de décadas de planejamento urbano e desenho urbano até alcançar o status de ‘cidade-modelo’ e ‘capital ecológica’ (Cf. SEGAWA, 1997; IRAZÁBAL, 2009; DUDEQUE, 2010; WARD, 2013; REGO, 2022).

Nesse contexto, conexões nacionais e internacionais expuseram arquitetos e urbanistas curitibanos ao contato com ideias contemporâneas em circulação global (GNOATO, 2002; VIANNA, 2017; VIANNA, 2018; REGO, JANUÁRIO e AVANCI, 2020; MEDEIROS, 2021; REGO, 2022). Estas conexões são resultado da circulação de pessoas, documentos, imagens e conhecimento, e da interação de atores (de diferentes contextos geográficos e diversas formações culturais) a trabalho no exterior, em conferências e congressos mundiais, consultorias internacionais,

contatos com instituições e agências financiadoras estrangeiras e por meio de políticas internacionais determinadas pelo norte global. Nesse sentido, pode-se perceber uma trama de ‘histórias conectadas’ (Cf. SUBRAHMANYAM, 1997).

Em meio à globalização e processos de interação e negociação, ideias de arquitetura e urbanismo imaginadas em um certo contexto acabam sendo reimaginadas em outros lugares (Cf. SAID, 1983). Da mesma maneira, a difusão de ideias de arquitetura e de urbanismo em Curitiba revelou processos de adoção voluntária e seletiva, imposição negociada e adaptação (REGO, 2022). E em casos de ideias difundidas por adoção voluntária e imposição negociada, geralmente há uma contribuição local tanto no nível prático quanto no nível teórico (Cf. WARD, 2000).

Nos anos 1980 e 1990 do século XX, a arquitetura produzida em Curitiba nas décadas anteriores foi entendida (pela narrativa paulista) como subproduto da arquitetura paulista (Cf. SEGAWA, 1986, p. 32; ZEIN, 1986, p. 29; SEGAWA, 1997, p. 152). A historiografia mais recente tem observado as correlações ambientais e culturais que conformaram aquela produção (Cf. BASTOS E ZEIN, 2010; REGO E JANUÁRIO, 2022). Diante deste quadro, e de modo mais enfático, este artigo trata de posicionar a arquitetura e o urbanismo praticados em Curitiba nos anos 1970 no contexto contemporâneo das ideias em circulação global. Mais precisamente, busca reconhecer a sensibilidade construída desde a revisão e a despedida de parte do ideário modernista e a prática projetual levada a cabo no âmbito do pós-modernismo, entendido como uma “pluralidade de tendências” que substituiu um “modernismo extenuado” (COLQUHOUN, 2004). Este reconhecimento revela método e estratégias adotados na arquitetura e no urbanismo curitibano, que respondem pela sua originalidade, criatividade e prestígio.¹

Apoiado em um estudo histórico-interpretativo e explorando projetos arquitetônicos e urbanísticos paradigmáticos da capital paranaense, este artigo argumenta que a arquitetura e o urbanismo de Curitiba estiveram mais precocemente próximos do pensamento pós-moderno que a historiografia brasileira admitiu. O texto está estruturado em três partes: a primeira delas apresenta um entendimento mais abrangente do pós-modernismo; a segunda discute a abordagem de quatro temas

¹Um grupo de arquitetos curitibanos, dentre eles muitos ligados à universidade e ao IPPUC, ficou conhecido como Grupo do Paraná ao ganhar vários concursos de arquitetura. Em equipes variadas, estes arquitetos conquistaram 35 prêmios e menções na década de 1970. (Cf. JANUÁRIO, 2018).

cruciais para a arquitetura e o urbanismo curitibanos, a saber, desenho urbano e planejamento ambiental; preservação, memória e identidade cultural; ornamento; e conformação arquitetônica, matéria e contexto. Esta discussão é ilustrada com estudos de casos. Por fim, a conclusão aponta a contribuição prática e teórica das ideias materializadas na capital paranaense.

Pós-moderno, sentido amplo

Embora o termo pós-modernista tenha sido ironizado por Jaime Lerner, alguns dos seus projetos revelam uma mudança de estratégia em relação à arquitetura e ao urbanismo modernistas. Ainda que o termo pós-modernista quase sempre evoca uma arquitetura figurativa, ornamentada e *kitsch*, ele também se aplica às críticas endógenas ao movimento moderno, como aquelas feitas pelo Team 10, grupo do qual participaram Georges Candilis e Shadrach Woods, com quem Lerner trabalhou em Paris (REGO, JANUÁRIO E AVANCI, 2022).

Acompanhando o raciocínio de Colquhoun (2004, p. 229), o termo pós-modernismo se refere a “movimentos da arte e da arquitetura que tomaram o lugar de um alto modernismo extenuado” e “os conceitos unificadores do modernismo foram substituídos por uma pluralidade de tendências” (HUYSEN, 1984, p. 10).

Embora esta mudança ocorrida na sensibilidade, nas práticas e no discurso distinga um conjunto de pressupostos, experiências e proposições daqueles de um período anterior, “o modernismo, como aquele do qual o pós-modernismo está fugindo, permanece inscrito na própria palavra com a qual descrevemos nossa distância do modernismo” (HUYSEN, 1984, p. 8 e 10). Pois a sensibilidade pós-moderna opera em um campo de tensão entre tradição e inovação, conservação e renovação, cultura de massa e *high art*, no qual os segundos termos não têm privilégio sobre os primeiros; um campo de tensão que não pode mais ser entendido em termos binários opostos como progresso versus reação; esquerda versus direita; presente versus passado; modernismo versus realismo; abstração versus representação; vanguarda versus kitsch. O pós-modernismo está longe de tornar obsoleto o modernismo; pelo contrário, joga nova luz sobre ele e se apropria de muitas das suas técnicas e estratégias estéticas, inserindo-as e fazendo-as funcionar em novos arranjos (HUYSEN, 1984, p. 48-49). Vattimo (1996) apontou no pensamento pós-modernista a despedida da lógica da superação, apresentando-se como novidade

em relação ao moderno, que dissolve a categoria do novo e ao reconsiderar valores sedimentados.

De acordo com a perspectiva de Huyssen (1984, p. 24 e 25), a noção de pós-modernismo só pode ser completamente entendida se o mapeamento do pós-moderno começar nos anos 1950. Para Huyssen, a cultura do ecletismo – e o abandono de qualquer reivindicação de crítica, transgressão ou negação, e que mais geralmente responde pelo que se entende por pós-modernismo – emergiu nos anos 1970. Antes, nos anos 1960 podia-se notar uma hostilidade ao modernismo domesticado nos anos 1950, caracterizada por uma “imaginação que exibiu um poderoso sentido do futuro e de novas fronteiras, de rupturas e descontinuidades, de crises e conflitos geracionais” que compartilhava um otimismo tecnológico com certos segmentos da vanguarda europeia dos anos 1920 (HUYSEN, 1984, p. 20 e 22). Ao mesmo tempo, a cena cultural deste período desafiava a *high art*, abandonando a crítica moderna da cultura de massa, validando a expressão popular e as imagens da vida cotidiana.

Em meados dos anos 1970, muitos dos pressupostos da década anterior tinham sido transformados ou haviam desaparecidos. A empolgação futurista se fora; os gestos iconoclastas do pop se exauriram com sua crescente difusão comercial; o otimismo com tecnologia, mídia e cultura popular deu lugar a apreciações mais sóbrias e críticas. Enquanto os anos 1960 podem ser discutidos em termos de uma sequência de estilos ou em termos modernistas de arte versus não-arte ou antiarte, estas distinções perderam terreno na década seguinte. A situação nos anos 1970 parece ter sido marcada, segundo Huyssen, pela dispersão e disseminação de práticas artísticas trabalhadas das ruínas do edifício modernista, tomando-lhe ideias, saqueando seu vocabulário e suplementando-o com imagens e motivos aleatoriamente escolhidos de culturas pré-modernas e não modernas assim como da cultura de massa contemporânea.

Por um lado, é certo que muito do que foi produzido nos anos 1970, sob o rótulo de pós-modernista, é acrítico e afirmativo e “coexiste alegremente com o neoconservadorismo político e cultural”; mas, por outro lado, a visão do pós-modernismo como um sintoma da cultura capitalista decadente é redutiva e a-histórica (HUYSEN, 1984, p. 28-29). Buscando um certo equilíbrio, é importante notar que a emergência da questão da alteridade não deixa de estar correlacionada com a erosão do triplo

dogma modernismo/modernidade/vanguarda. E, nesse sentido, fazem parte da cultura pós-moderna: a abordagem de-colonial, que desafiou política, econômica e culturalmente a cultura da modernidade, encarada como uma cultura do imperialismo; a consciência de que outras culturas, culturas não-europeias e não-ocidentais deveriam ser ‘encontradas’ por outros meios que não a conquista ou a dominação; a abordagem ecológica e o ambientalismo, que reforçaram a crítica à modernidade e à modernização (HUYSEN, 1984, p. 50-52).

Este entendimento extrapola a noção estrita da arquitetura pós-modernista como solução cosmética, comercial, decorativa – interpretação reduzida do pensamento *venturiano* e da estética norte-americana. Ele permite compreender como parte da sensibilidade, da prática e do discurso pós-modernista a revisão crítica de preceitos modernistas, a assimilação do contexto na prática projetual, a consideração da história da cidade e da morfologia urbana, a inclusão do usuário e seus costumes no processo projetual, a construção do sentido de pertencimento e a afirmação identitária, a consciência ambiental, o pensamento ecológico, a fragmentação da forma, inclusive.² Assim, o ornamento também é parte do repertório pós-moderno, mas não é o epicentro do pós-modernismo, como notou Picon (2013, p. 25). Mesmo que [Charles] Jencks o tenha listado entre os principais aspectos banidos pelo modernismo, o ornamento “teve um papel menor nos textos de Colin Rowe, Aldo Rossi ou Robert Venturi, ainda que os ‘patos’ e outros ‘outdoors’ reclamados em Aprendendo de Las Vegas possuíssem uma dimensão ornamental. A tipologia, a composição e o potencial simbólico apresentaram questões muito mais importantes” (PICON, 2013, p. 25).

Desenho urbano e planejamento ambiental

As intervenções urbanas implementadas em Curitiba nos anos 1970 envolvem distintas escalas, abrangendo do planejamento ambiental ao desenho urbano. Planos

de urbanismo, de transporte, de recreação, de revitalização do centro histórico, trataram simultaneamente da definição de uma nova estrutura urbana, da modificação da legislação então vigente, da transformação do transporte coletivo, da naturalização dos rios e da modelagem da macrodrenagem, do projeto de estruturas ambientais urbanas de caráter regional (parques) e local (praças), da pedestrianização de vias, da recuperação, reciclagem e preservação de edifícios antigos, da implementação de mobiliário urbano (VIANNA, 2022).

O sistema de parques então planejado revelou uma visão integrada dos problemas da cidade tratando conjuntamente da questão das enchentes urbanas sazonais e da criação de áreas de lazer, divergindo da postura técnica dominante de tratar separadamente questões como saneamento e drenagem (Figura 1).³ A abordagem sistêmica, holística, ambiental do planejamento, consoante com preceitos ecológicos, já era em si uma medida inovadora (Cf. Montaner, 2008).



Figura 1. Perspectiva do Parque Barreirinha. Projeto de Domingos Bongestabs, Jaime Lerner e Onaldo P. de Oliveira, 1970. Fonte: IPPUC.

A decisão de fechamento de ruas centrais de Curitiba ao tráfego de automóveis implicou a revalorização do pedestre e da rua tradicional como espaço

²Uma gama de textos seminais do pensamento pós-moderno em arquitetura e urbanismo foi publicada em datas muito próximas, na mesma década, por exemplo: Lynch, K., *A imagem da cidade* (1960); Jacobs, J., *Morte e vida das grandes cidades americanas* (1961); Cullen, G., *Paisagem urbana* (1961); Norberg-Schulz, Ch., *Intenções em arquitetura* (1962); Smithson, A., *Team 10 Primer* (1963); Alexander, Ch., *Notas sobre a síntese da forma* (1964); Venturi, R., *Complexidade e Contradição em Arquitetura* (1966); Rossi, A., *A arquitetura da cidade* (1966); Gregotti, V., *Território da arquitetura* (1966); McHarg, I., *Projetar com a natureza* (1969). Entretanto, vale ressaltar que o texto *Por uma história urbana operante de Veneza* foi publicado por S. Muratori em 1959. Por outro lado,

a publicação de *A linguagem da arquitetura pós-moderna*, de Ch. Jencks, é de 1977 e a de *Nova York delirante*, de Rem Koolhaas, é de 1978.

³Em 1970, quatro parques urbanos foram criados: Barigui, Barreirinha, São Lourenço e Iguaçu. Pequenas represas foram construídas para acomodar as cheias. No parque São Lourenço, um velho edifício industrial foi convertido em centro cultural.

multifuncional (Figura 2).⁴ “A proposta retirava o automóvel da principal área comercial da cidade, delimitava uma plataforma contínua de pedestres que se estendia por ruas adjacentes, conectava as praças centrais e ligava edifícios históricos e institucionais, com a preservação da paisagem urbana tradicional” (VIANNA, 2022, p. 70). A rua, então transformada em um ‘calçadão’, foi uniformizada com um único piso, feito de mosaico português estampado com motivos formais ‘paranaenses’, e equipada com mobiliário urbano distintivo.

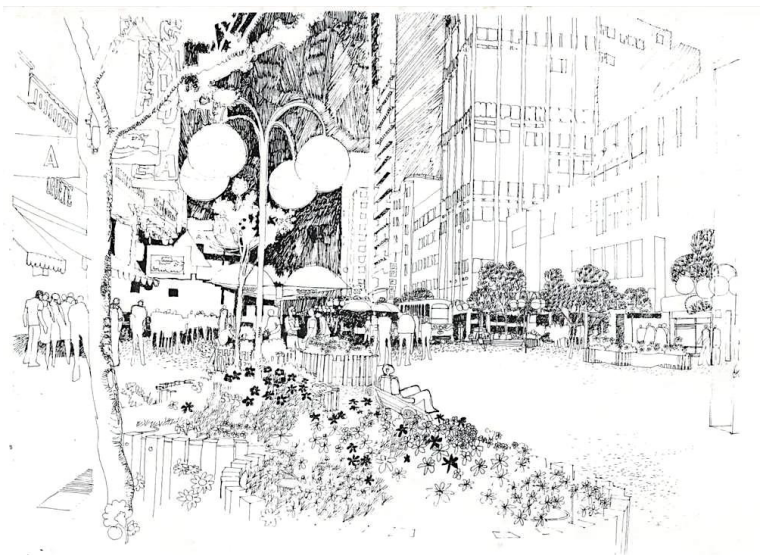


Figura 2. Perspectiva da Rua XV de novembro. Fonte: Vianna, 2017.

A adoção de um ‘ônibus expresso’ começou a ser gestada no final dos anos 1960, associando um veículo desenhado para suprir as deficiências observadas nos ônibus convencionais, com a circulação por vias exclusivas, agilidade na entrada e saída dos passageiros, portas maiores, cobrança antecipada de passagem e articulação entre o desenho do ônibus e da estação, ou seja, um sistema de ônibus com as mesmas vantagens operacionais do sistema de metrô (VIANNA, 2022, p. 77-

78).⁵ Como bem apontou Vianna (2022, p. 79), “como alternativa às grandes obras que conduziram a pauta urbana em muitas capitais do país na década de 1970, algumas vezes com demolições irreversíveis do tecido urbano, construção de vias expressas e até vias elevadas nas zonas centrais, o desenho elaborado no IPPUC alinhava-se com uma visão de planejamento mais relacionada à escala humana, com a preservação da paisagem existente no interior dos bairros”.

Para situar as transformações urbanas implementadas em Curitiba no panorama contemporâneo internacional é fundamental mencionar a ‘guinada morfológica’, uma mudança então ocorrida no exercício do planejamento que, como apontou Hebbert (2006), se voltou à morfologia da cidade real e à arquitetura, ‘disciplinamãe’. O planejamento havia se tornado um tipo genérico de prática, não-euclidiana, que conectava formas de conhecimento e formas de ação no domínio público. Solà-Morales (2013, p. V) mencionou o desvio do projeto do espaço, direcionado a uma dimensão abstrata sinteticamente grafada “com canetas coloridas e grandes gestos, executados mais com o braço do que com a mão, mais sobre os quadros de reuniões municipais do que sobre mesas de desenho profissionais”.

A nova prática profissional ocupou uma escala intermediária entre as questões globais do planejador economista e a arquitetura do edifício como objeto. Este posicionamento, enquadrado como pós-moderno por Ellin (1996), estava interessado na situação histórica, atento à diversidade de subculturas urbanas. Contra a racionalidade modernista, a prática urbanística pós-moderna deu expressão ao contextualismo, ao regionalismo e ao ambientalismo, valorizando tradições e diferenças culturais, preservando e fomentando o sentido de lugar, retomando a rua convencional e, com isso, aproximando-se dos cidadãos e de seus hábitos, ao invés de querer transformá-los (REGO E JANUÁRIO, 2022, p. 16; ELLIN, 1996).

No Brasil, o primeiro dos Seminários de Desenho Urbano, realizado em Brasília em 1984, expôs que o planejamento urbano, no papel tecnocrático que assumiu na segunda metade do século XX no Brasil e dissociado do traçado da cidade, forçava o incipiente desenho urbano a retomar aspectos inerentes à disciplina (TURKIENICZ, 1984, p. 67). Na visão crítica do Seminário, planos urbanos e planos habitacionais

⁴A Rua XV de Novembro foi transformada em via de pedestres na gestão do prefeito Jaime Lerner (1971-1974), em 1972.

⁵Esta proposta do IPPUC, implementada em 1974, tornou-se o embrião do sistema BRT.

recentes “eram carentes de desenho” e análises e explicações da cidade então produzidas por arquitetos não levavam em conta os “atributos morfológicos”, distantes da noção de que os assentamentos humanos são um artefato cultural (TURKIE-NICZ, 1984, p. 5 e 7). Nesse sentido, os trabalhos publicados nos anais do evento tratavam de colocar em evidência a forma urbana e de destacar a necessidade de mudança de abordagem do planejamento urbano para o desenho urbano.

Esta abordagem, contudo, já era praticada em Curitiba desde a década anterior. É também nesse sentido que Vianna (2022) a chamou de “uma cidade desenhada por arquitetos”.

Preservação, memória e identidade cultural

A valorização de aspectos locais e símbolos culturais é uma característica marcante dos projetos urbanos curitibanos desenvolvidos pelo IPPUC e pelos arquitetos ligados ao Instituto. Curitiba era uma cidade com algumas poucas edificações relevantes em termos históricos e arquitetônicos, com uma necessidade de símbolos afirmativos. Nos anos 1940 e 1950 o Paranismo reemergiu respondendo a esta necessidade. O Paranismo nascera como uma manifestação cultural nos anos 1920 pretendendo dignificar o Paraná perante os demais estados da federação através da valorização de sua flora e fauna e da reelaboração de lendas indígenas. A exaltação das identidades dos vários grupos imigrantes estabelecidos em Curitiba – alemães, poloneses, ucranianos, italianos – e suas tradições, assim como nas referências à paisagem natural da capital, à araucária – sua espécie mais característica, e à erva mate – produto que marcou a economia urbana no século XIX, foram aspectos explorados pela expressão artística reemergente. Com efeito, para Lerner, é fundamental “a manutenção ou o resgate da identidade cultural de um local ou de uma comunidade” (LERNER, 2005, p. 13) na medida em que “a identidade é um dos componentes mais importantes da qualidade de vida. Mais do que boa infraestrutura, bons equipamentos” (LERNER apud REGO E JANUÁRIO, 2022, p. 232).

Murais figurativos, em fachadas públicas e em interiores privados, contando a história do lugar ou representando aspectos regionais passaram a fazer parte da

paisagem da cidade, da arte urbana e da arquitetura curitibana.⁶ Como bem resumiu Ellin (1996), o pós-modernismo tem duas fortes referências vernaculares: a história (historicismo) e o lugar ou sítio (regionalismo) – e isso é notável na expressão arquitetônica curitibana. Estes murais trataram de valorizar o patrimônio cultural, fomentar a identidade da cidade e evocar sentimento de pertencimento nos cidadãos.

O ornamento geométrico, elaborado à imagem da composição concretista e estampado no concreto aparente, foi outro componente da arquitetura curitibana. Se o relevo figurativo tinha caráter comunicativo, o mural abstrato tinha natureza eminentemente decorativa, suavizando as formas e as empenas de concreto, extrapolando o brutalismo produzido na metrópole paulista e tornando mais palatável a arquitetura do concreto aparente na provinciana capital paranaense.

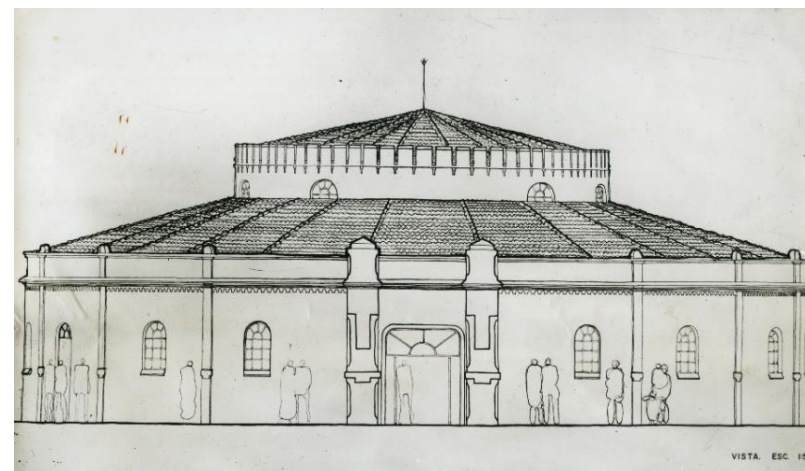


Figura 3. Fachada do Teatro Paiol, 1971. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Categoria:Teatro_Paiol#/media/File:Correio_da_Manh%C3%A3_AN_220.jpg. Acesso em: 20 maio, 2023.

O IPPUC trabalhou para ativar a memória local, revitalizando edifícios antigos e valorizando o patrimônio construído (Figura 3).⁷ Reciclagem, revitalização e a

⁶A praça 29 de Março, de 1966, guarda o primeiro mural urbano do artista Poty Lazzaroto. O mural contando a história de Curitiba foi uma iniciativa dos autores do projeto: Jaime Lerner, Domingos Bongestabs e Onaldo Pinto de Oliveira.

⁷O Teatro Paiol foi inaugurado em 1971, a partir do projeto de Abrão Assad, que revitalizou um antigo paiol de pólvora do exército, há tempos desativado.

elaboração de projetos com expressão vernacular, apoiando-se na história, na cultura e no comportamento para projetar ambientes mais significativos, além da ornamentação como modo de se construir um sentido de lugar, de se estabelecer vínculo com o usuário e relação de pertencimento comunitário, também atrelou a arquitetura e o urbanismo curitibanos à sensibilidade pós-moderna (Cf. REGO, 2022, Figura 4).

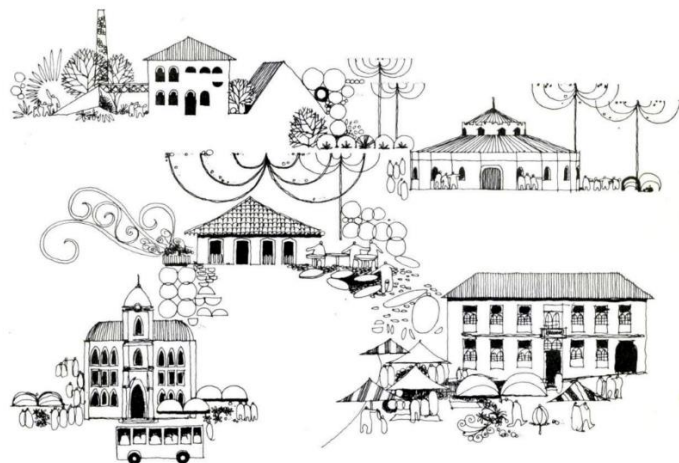


Figura 4. Edifícios icônicos de Curitiba em representação dos anos 1980. Fonte: IPPUC.

Conformação arquitetônica: matéria e contexto

Nota-se nos projetos urbanos curitibanos a consideração do meio social, da simbolização cultural e do entorno físico como variáveis projetuais determinantes. Da mesma maneira, a arquitetura produzida naquele contexto foi em grande condicionada pelo entorno físico e pelo meio social.

Materiais de construção alternativos ao concreto aparente – como madeira e metal, por vezes empregados como sistemas construtivos complementares, alvenaria convencional e postes de madeira reciclados – associados a cores e a configurações vernaculares contribuíram para uma arquitetura ‘ecclética’, em vista da uniformidade

estética, pelo uso extensivo do concreto aparente, pela exploração plástica do desenho estrutural e pela paleta reduzida de materiais que prevaleciam no brutalismo paulista (Cf. BASTOS E ZEIN, 2010, p. 78-80).⁸

A decisão por estas soluções não significou o descarte da arquitetura do concreto aparente, mas, como citado antes, representou uma das alternativas projetuais possíveis. Além disso, como também notado anteriormente, o concreto aparente recebeu um tratamento singular, com relevos decorativos e motivos formais ornamentais. De todo modo, a consideração de múltiplas variáveis, inclusiva a solução ‘moderna’, demonstra uma conduta pouco indiferente ao pós-modernismo.

As decisões projetuais percebidas nos projetos urbanos curitibanos sugerem compromisso com a realidade e atenção ao orçamento limitado, realizando propostas “atrativas, inovadoras, funcionais, de baixo custo e replicáveis” (IRAZÁBAL, 2009, p. 202).

Por fim, mas não menos importante, a pragmática arquitetura curitibana se isentou da crítica social. Ainda que arquitetos curitibanos não defendessem a ditadura, não veio deles uma manifestação contrária descerrada. Lembremos que Lerner foi nomeado para o cargo de prefeito e, diante do episódio que acarretou o afastamento de docentes do curso de arquitetura da Universidade de Brasília em 1968, arquitetos curitibanos foram convidados a ocupar temporariamente aqueles postos. A prática projetual destes arquitetos e urbanistas, desvinculada do conjunto de ideias que marcou a hegemônica arquitetura brasileira contemporânea, se mostrou pouco utópica, na medida em que não pretendiam transformar a realidade por meio de modelos ideais e mudanças disruptivas atrelados às proposições racionalistas/funcionalistas. A vitalidade em episódios da arquitetura brasileira dos anos de 1970, como aquela vislumbrada em Curitiba, é tributária do comprometimento com a realidade, que levou ao abandono das formas abstratas e excludentes, de pouco significado para a maioria da população, e da ideia redutiva de cidade funcional (BASTOS E ZEIN, 2010, p. 205).

⁸Embora mais tardios que o período explorado neste texto, os exemplos mais paradigmáticos são os projetos de Domingos Bongestabs para a Ópera de Arame e para a UniLivre, ambos de 1992.

Conclusão

Ainda que adoção e a adaptação em Curitiba de ideias em circulação global nos anos 1970 tenha rendido uma contribuição menor no nível teórico, no nível prático o legado dos projetistas locais pode ser tomado como marco na história da arquitetura brasileira. As premiações em concursos nacionais e internacionais, as transformações urbanas na capital paranaense e a abordagem projetual determinam um ponto de inflexão. Como este artigo argumentou, a apropriação do ideário pós-moderno, no seu sentido mais amplo, se deu mais cedo e mais efetivamente do que historiadores e os próprios projetistas admitiram.

A implementação do planejamento ambiental e do desenho urbano, a conformação da arquitetura fortemente atrelada ao meio social e ao entorno físico, o reforço do sentido de pertencimento e da identidade cultural através da preservação, da reciclagem e da revitalização arquitetônica, da promoção de símbolos regionais e da valorização do patrimônio cultural, o apreço pela construção vernacular e por materiais tradicionais, e o emprego do ornamento, o trabalho colaborativo e, sobretudo, o projeto entendido mais como compromisso com a realidade local que como solução disruptiva podem ser notados na arquitetura e no urbanismo de Curitiba desde então. Estas características destoavam da expressão mais potente da arquitetura brasileira contemporânea. Mais tarde, elas se fizeram notar mais essencialmente quando Curitiba consolidou sua imagem de cidade modelo e capital ecológica.

Referências

- BASTOS, Maria Alice Junqueira Bastos e ZEIN, Ruth Verde Zein. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- COLQUHOUN, Alan. Pós-modernismo e estruturalismo: um olhar retrospectivo. In: COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e tradição clássica. Ensaios sobre arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 229-241.
- DUDEQUE, Irã. Taborda. **Nenhum dia sem uma linha: uma história do urbanismo em Curitiba**. São Paulo: Studio Nobel, 2010.
- ELLIN, Nan. **Postmodern urbanism**. Cambridge, Mass: Blackwell, 1996.
- GNOATO, Luís Salvador Petrucci. **Arquitetura de Curitiba, transformações do Movimento Moderno**. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- HEBBERT, Michael. Town planning versus urbanismo. **Planning Perspectives**, Londres v. 21, n. 3, p. 233-251, julho, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02665430600731153?scroll=top&needAccess=true&role=tab>. Acesso em: 20 mai, 2023.
- HUYSEN, Andreas. Mapping the postmodern. **New German Critique**, v. 33, p. 5-52, 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/488352>. Acesso em: 15 abr, 2023.
- IRAZÁBAL, Clara. Urban design, planning, and the politics of development in Curitiba. In: DEL RIO, Vicente e SIEMBIEDA, Willian. **Contemporary urbanism in Brazil: beyond Brasilia**. Gainesville: University Press of Florida, 2009. p. 202-223.
- JANUÁRIO, Isabella. Caroline. **A arquitetura de Joel Ramalho Junior, Leonardo Oba e Guilherme Zamoner nos anos de 1970: concursos nacionais, respostas curitibanas**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.
- LEME, Maria Cristina da Silva et al. Seminars on urban design and the constitution of the discipline in mid-1980s Brazil. **Planning Perspectives**, v. 38, n. 1, p. 213-222, jan, 2023. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02665433.2022.2158362>. Acesso em: 20 jan, 2023
- LERNER, Jaime. **O que é ser urbanista (ou arquiteto de cidades)**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MEDEIROS, Gisele Rosário. **Idealizações de cidades e circulação de ideais: o ambiente local e o internacional**. Tese (Doutorado em Gestão Urbana) – Faculdade de Belas Artes, Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, 2021.
- MONTANER, Josep. Maria. **Sistemas arquitectónicos contemporâneos**. Barcelona: GG, 2008.

PICON, Antoine. **Ornament: the politics of architecture and subjectivity**. Chichester: Wiley, 2013.

REGO, Renato Leão. Curitiba 1960s transformations and postmodern ideas. In: HEIN, Carola. (ed.). **International Planning History Society Proceedings. 19th IPHS Conference**. Delft: TU Delft Open, 2022. p. 429-441.

REGO, Renato Leão e JANUÁRIO, Isabella Caroline (orgs.). **Arquitetura paranaense na segunda metade do século XX**. Londrina: Kan, 2022.

REGO, Renato Leão, JANUÁRIO, Isabella Caroline e AVANCI, Renan Augusto. Lerner, Friedman, and Candilis-Josic-Woods: transatlantic ideas and design affinities. **Cadernos ProArq**, v. 35, p. 28-45, 2020. Disponível em: <https://cadernos.pro-arq.fau.ufrj.br/pt/paginas/edicao/35>. Acesso em: 15 mai, 2023.

REGO, Renato Leão, JANUÁRIO, Isabella Caroline e AVANCI, Renan Augusto. Uma outra estratégia projetual: Arquitetura em Curitiba nos anos 1960-1970. **Thésis**, v. 7, n. 14, p. 221-242, 2022. Disponível em: <https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/287>. Acesso em: 10 mai, 2023.

SAID, Edward Wadie. Traveling theory. In: SAID, Edward Wadie. **The world, the text, and the critic**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1983. p. 157-181.

SEGAWA, Hugo. Outro programa de passeio, agora em Curitiba. **Projeto**, v. 89, p. 31-32, 1986.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EdUSP, 1997.

SOLÀ-MORALES, Manuel. Prefácio. In: PANERAI, Philippe, CASTEX, Jean. e DE-PAULE, Jean-Charles. **Formas urbanas**. Porto Alegre: Bookman, 2013, p. V-IX.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected histories: notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia. **Modern Asian Studies**, v. 31, n. 3, p. 735-762, 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/312798>. Acesso em 15 mai, 2023.

TURKIENICZ, Benamy. (org.). **Desenho Urbano I**. Cadernos Brasileiros de Arquitetura, v. 12. 1984.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIANNA, Fabiano Borba. **O plano de Curitiba 1965-1975**: desdobramento de outro moderno brasileiro. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

VIANNA, Fabiano Borba. Revisitando Toulouse Le Mirail: da utopia do presente ao futuro do pretérito. **Pós**, v. 25, n. 47, p. 34-50, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/145908>. Acesso em: 10 mai, 2023.

VIANNA, Fabiano Borba. O plano de Curitiba: uma cidade desenhada por arquitetos. In: REGO, Renato Leão e JANUÁRIO, Isabella Caroline (orgs.). **Arquitetura paranaense na segunda metade do século XX**. Londrina: Kan, 2022. p. 52-87.

WARD, Stephen. V. “Re-Examining the International Diffusion of Planning”. In FREESTONE, Robert. (ed.). **Urban Planning in a Changing World**. Londres: E & FN Spon, 2000. p. 40-60.

WARD, Stephen. V. Cities as Planning Models. **Planning Perspectives**, v. 28, n. 2, p. 295-313, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02665433.2013.774572>. Acesso em: 15 mai, 2023.

ZEIN, Ruth Verde. Arquitetos no Paraná, algumas diferenças nas mesmas estórias. **Projeto**, v. 89, p. 28-30, 1986.